



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
COLEGIADO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

CLÁUDIA RENATA LOD MORAES

AMIAKÔ WOLĬ MEDELA NEÍ

AMIAKÔ NIMÜDAI ELOMEM

A TRANSIÇÃO DE MENINA PARA MULHER E A MESTRUAÇÃO COMO RITO
DE PASSAGEM DA MENINA ENTRE OS GALIBI KALI'NA

OIAPOQUE – AP
2018

CLAUDIA RENATA LOD MORAES

AMIAKÔ WOLĪ MEDELA NEÍ

AMIAKÔ NIMÛDAI ELOMEM

A TRANSIÇÃO DE MENINA PARA MULHER E A MESTRUAÇÃO COMO RITO
DE PASSAGEM DA MENINA ENTRE OS GALIBI KALI'NA

Artigo apresentado em banca de
examinação de Trabalho de Conclusão de
Curso como requisito para conclusão do
Curso de Licenciatura Intercultural
Indígena, com habilitação em Ciências
Humanas, orientado pelo Prof.^a Evilania
Bento da Cunha.

OIAPOQUE-AP
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida!

A Julien, Matilde, Cristina, Teyllor, Sebastian e Samuel Lod, meus maiores motivos e orgulho, amo vocês.

Obrigada Dk pelo carinho, amizade e amor.

Obrigada a todos os Kali'na, com muito orgulho e especialmente aos amigos.

RESUMO

O artigo aqui apresentado tem como objetivo apresentar a mulher Galibi Kali'na através do rito de passagem feminino. Os Galibi Kali'na de Oiapoque são habitantes da aldeia São José na Terra Indígena Galibi, que se situa as margens do rio Oiapoque no município de Oiapoque-AP. O artigo está constituído de duas partes, inicialmente será abordada a contextualização histórica dos Galibi Kali'na. Essa demarcação permitirá que haja uma localização do leitor com relação a alguns temas importantes para a pesquisa, tais como: a organização social, a língua, a cosmologia, bem como as motivações que fizeram com que esse povo indígena envidasse para o Brasil. Suas crenças e finalmente no segundo momento falar da mulher Galibi Kali'na e o Rito de passagem que marca a transformação de menina para mulher. Os passos da moça para a responsabilidade adulta durante seus primeiros ciclos menstruais. Assim, passar por esses rituais é respeitar as regras, é a forma que nós indígenas temos de ver o mundo, de nos manter nele e manter ele. A metodologia adotada para a construção desse artigo foi etnográfica, já que os dados coletados para a construção deste trabalho fazem parte das experiências vivenciadas ao longo de minha vida, portanto, além de pesquisadora pretendo falar também como pertencente a este povo indígena. Essa pesquisa me possibilitou refletir e registrar sobre um dos ritos de passagem kali'na que não é celebrado no Brasil, mas continua presente na memória coletiva.

Palavras-chave: Galibi Kali'na, Rito de passagem feminino, moça Kali'na, mulher Kali'na, menstruação, migração.

RÉSUMÉ

L'article a présenté il y a comme l'objectif de présenter la femme Galibi Kali'na à travers du rite de passage féminin. Les Galibi Kali'na de l'Oiapok sont habitants du village São José dans le territoire amérindien Galibi, qui est située la berge de l'Oiapok dans la ville de l'Oiapok/AP.

L'article est composé dans deux parts, d'abord on va présenter sur conceptualisation historique des Galibi Kali'na, cette démarcation permettra qu'il y a une localisation du lecteur concernant quel que thème importante pour la recherche, comme: l'organisation sociale, la langue, la cosmologie, comme aussi les motivations qui ont fait ce peuple amérindien à venir au Brésil. Ses croyances et finalement dans le second moment parle de la femme Galibi Kali'na et le rite de passage qui marque la transformation de jeune fille pour la femme. Les mesures de la jeune fille pour la grande responsabilité pendant ses premiers cycles menstruels. Ainsi, passer pour ces rituels est conforme aux règles, c'est la forme qui nous avons amérindiens de voir le monde, de nous entretenir dans le monde et lui entretenir, la méthodologie adaptée pour la construction de cet article a été ethnographique, parce que les données utilisées pour la construction de ce travail font part des expériences vivantes le long de ma vie, donc au-delà de chercheuse me propose aussi parler aussi comme appartenance de ce peuple amérindien. Cette recherche elle m'a permis de refléter et enregistrer sur un rite de passage Kali'na qui n'est pas célèbre au Brésil, mais continue présente dans la mémoire collective.

Clé mot: Galibi Kali'na, Rite de passage féminin, fille Kali'na, femme Kali'na, menstruation.

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo estudar a mulher Galibi Kali'na através do rito de passagem feminino entre os Galibi Kali'na habitantes da Terra Indígena Galibi, localizada no município de Oiapoque-AP.

Sou indígena Galibi Kali'na, neta dos protagonistas da migração, morei na aldeia até os 16 anos quando sai definitivamente para estudar e trabalhar em Oiapoque. Fui criada por meus avós Julien e Matilde Lod, também sempre perto dos avós Geraldo e Carolina Lod, Maria Lod e José Jean Jacque, alguns dos antigos Kali'na que migraram, e também de meus tios e tias filhos desses *tampokô* e *nopokô*¹ Kali'na que permaneceram no Brasil.

Os dados que tenho para a construção deste trabalho são as experiências vivenciadas ao longo de minha vida, portanto, além de pesquisadora pretendo falar também como pertencente a este povo indígena. Assim sendo, a pesquisa que me proponho a registrar neste artigo se adéqua metodologicamente a um trabalho etnográfico, tendo em vista que sou uma nativa e que a maior parte dos relatos aqui feitos foram/são vividos por mim.

Em comparação ao período em que os Galibi Kali'na chegaram ao Brasil, na década de 1950, existem fortes diferenças sobre esse rito de passagem, pois o contexto em que as mulheres se encontram, assim como também a posição dos Galibi com relação a esse rito é diferente.

Inicialmente será abordada a contextualização histórica dos Galibi Kali'na. Essa demarcação permitirá que haja uma localização do leitor com relação a alguns temas importantes para a pesquisa, tais como: a organização social, a língua, a cosmologia, bem como as motivações que fizeram com que esse povo indígena envidasse para o Brasil.

A segunda parte terá como objetivo descrever o rito e suas significações, apresentar a mulher Kali'na dentro da sociedade indígena Galibi Kali'na e demarcar as características elementares do rito de passagem da menstruação para este povo indígena. Assim sendo, nesse ponto do trabalho trarei para dentro do texto a pesquisa de Badie (2015) com os Mbya Guarani dentre outros teóricos da antropologia.

Como último elemento desse artigo apresento algumas reflexões sobre a cultura e identidade Galibi Kali'na, levando em consideração os processos históricos pelos quais

¹ Palavras na língua Kali'na que significam respectivamente ancião e anciã.

meu povo passou. São considerações provisórias deste trabalho, entendendo que ele não se esgota no alcance que essa pesquisa de conclusão de curso pode trazer.

2. QUEM SÃO OS GALIBI KALI'NA?

Somos um povo que está presente na Venezuela, Suriname, Guiana, Guiana Francesa e Brasil. Este trabalho se refere aos Galibi Kali'na que habitam na Aldeia São José, no município de Oiapoque/AP. Esta comunidade Kali'na é composta por praticamente três núcleos familiares advindos da migração da década de 1950. A figura 1 mostra a comunidade na festa de Ano Novo em 1994, essa festa é muito celebrada entre os Kali'na.



Figura 1: Celebração do ano Novo na Aldeia São José
Fonte: Arquivo de família

2.1 Etnônimo e língua

Atualmente somos conhecidos como Galibi Kali'na, mas também chamados de Galibi do Oiapoque, como éramos conhecidos no passado para diferenciarmos dos Galibi Marworno, povo indígena que vive na terra indígena Uaçá. Conforme sintetiza a pesquisadora Lux Vidal:

Galibi é a autodenominação do grupo que vive no Rio Oiapoque e dos índios do mesmo povo que vive na Guiana Francesa, especialmente nos rios Maroni e Maná. Na Guiana eles se definem como Kali'na, sendo Galibi uma designação genérica

utilizada pelos europeus para se referirem aos povos de fala caribe do litoral das Guianas (VIDAL, 2000).

O nome certo segundo os mais antigos não é Galibi Kali'na e sim *Tilewuyu*, o termo *Galibi* significa caribe e *Kali'na* significa índio. *Tilewuyu* é um termo que não é mais usado, apenas em alguns casos de conversas que lembrem os antigos *tampokô* e *nopokô*. É um termo que se perdeu no tempo, substituído com os termos adotados pelos antropólogos que estudam os Galibi Kali'na.

Adotaram então o Kali'na para se diferenciarem dos não índios, pois esta palavra significa índio na língua nativa, aceitar o termo kali'na como nome do povo é como afirmar: ***Na'na Kali'na!* que em português quer dizer somos índios²**. Temos nossa própria língua do tronco caribe, ainda bastante falada na Guiana Francesa e litoral do Suriname, onde vive o maior número populacional do meu povo. No Brasil a língua indígena está desaparecendo sendo somente os mais velhos ainda falantes. Também não é ensinada na escola, pois não há professores kali'na falantes da língua, sendo o português a língua materna e a mais usada no dia a dia. Desde o início de sua fundação, o líder da aldeia nunca aceitou o ensino bilíngue na escola, pois sempre entendeu que na escola se devem aprender coisas dos não índios, para os índios poderem negociar com os não índios, e esse é o raciocínio seguido na escola da aldeia até os dias atuais.

Os *tampokô* e *nopokô* aprenderam o Português devido à necessidade de se comunicar com a sociedade não indígena e também o Patoá para se comunicarem com os outros indígenas da região. Os índios Kali'na que migraram falavam também o francês e o Patoá holandês, mas não transmitiram para seus filhos, assim como seus filhos não transmitiram a língua indígena para seus filhos, tendo a transmissão da língua se restringido a primeira geração daqueles que protagonizaram a migração.

Hoje em dia, nossos pais se lamentam do pensamento que os levou a nos privar de aprender e falar a língua indígena, vendo a valorização e revitalização da língua materna indígena dos outros povos, vivem com a triste consciência de que sua língua materna está desaparecendo no Brasil.

2.2 Localização e população

² Para nós adotarmos o nome Kali'na tem um significado cultural e político de afirmação que somos nativos, ou seja, índio. Dada a importância para o meu povo o grifo.

Os Galibi Kali'na residem na Terra Indígena Galibi, na aldeia que batizaram de São José dos Galibi, local que escolheram para viver desde que chegaram ao Brasil em julho de 1950. Esta Terra Indígena foi homologada em 1982 com 6.889 ha (Decreto 87.844 - 24/11/1982)³ fica localizada a margem direita do Rio Oiapoque, fronteira com a Guiana Francesa, no município de Oiapoque, no extremo norte do Estado do Amapá, fica a mais ou menos 20 minutos de distância da cidade de Oiapoque⁴. A figura 2 é uma imagem da Aldeia vista do centro comunitário.



Figura 2: Vista da aldeia a partir do centro comunitário
Fonte: Arquivo familiar

A Aldeia é relativamente pequena comparada às Aldeias dos outros povos da região. É um local bastante arborizado com árvores frutíferas, principalmente mangueiras, as maiores mangueiras que estão espalhadas pelo centro da Aldeia têm a idade da chegada dos Kali'na naquele local. A Aldeia tem bastante espaço entre as casas, dando aos moradores muito quintal onde cultivam flores, árvores de cuias de variados tamanhos, algumas árvores frutíferas e também plantas medicinais. Os moradores procuram sempre manter a aldeia limpa, a figura 3 apresenta esse cuidado com a limpeza da comunidade.

³ Para mais informações sobre a TI Galibi, ver: <https://terrasindigenas.org.br/es/terras-indigenas/3669>.

⁴ O tempo de viagem varia de acordo com a potência do motor de polpa usado.



Figura 3: Quintal de Dona Magô
Fonte: Arquivo familiar

“A vida do índio é assim! Tem que ter bastante espaço pra criar seus filhos, plantas e animais ⁵”.

As casas da aldeia são construídas com madeira e alvenaria, cobertas de telhas brasilit, todas tendo sempre uma pequena casa ao lado para passarmos o dia e que usamos também para preparar assados. Todas as casas têm banheiro completo, na aldeia há energia elétrica e água encanada, há um antigo posto da Funai que hoje é usado apenas como alojamento para professores, tem uma enfermaria antiga que ainda é usada e tem um prédio em construção, onde irá funcionar a enfermaria. A escola bastante antiga já não é mais usada para dar aula, apenas para guardar materiais escolares e para o preparo da merenda, a diretoria e secretaria. A comunidade construiu uma casa onde funciona as salas de aula e também um grande espaço onde acontece as missas de domingo e também as reuniões da aldeia.

Hoje em dia há poucos Galibi Kali’na morando na aldeia, um total de apenas 8 pessoas kali’na, o restante da comunidade é composto de pessoas de outras etnias como Karipuna, Galibi Marworno, Palikur e não índios.

2.3. Aspectos históricos da migração para o Brasil

⁵ Frase repetida diversas vezes por minha *pipi* (avó) Matilde Lod.

Os Galibi Kali'na migraram para o Brasil em 1950, mais precisamente de uma aldeia chamada *Coachi*, na localidade de Maná, Guiana Francesa. Nosso lugar de referência é a Guiana Francesa e Suriname. Antes de vir para o Brasil, plantavam muitas variedades, além de pescas e caças que comercializavam em grandes quantidades para a cidade. Entretanto, viviam conflitos familiares, não tinham o reconhecimento como indígenas pelo governo francês e se sentiam muito explorados, por produzir tanto e ganhar pouco. Assim, iniciaram o processo de preparação para a migração definitiva do grupo para o Brasil. Após longos dias de negociação de Geraldo Lod com o Serviço de Proteção ao Índio - SPI, informaram sua vinda para o Brasil às autoridades locais da Guiana Francesa, assim como aos comerciantes e às populações da região, que não concordaram com a saída definitiva, pois os Kali'na eram os principais fornecedores de produtos agrícolas daquela região, e foram falar com o prefeito para tentar impedir a saída dos Kali'na dali. E finalmente conseguiram evitar o embarque desse grupo no navio que os buscava em Maná e os traria para o Brasil.

Mas os Kali'na ficaram sabendo da proibição do embarque só no dia que o navio chegou e foram apresentar os documentos de autorização de embarque emitido pelo SPI, e então o capitão do navio os informou que o prefeito de Maná havia proibido o embarque de todos os índios que migrariam para o Brasil. Não desistiram, e construíram quatro grandes canoas, fizeram as preparações e partiram em três canoas pelo oceano rumo ao Brasil. Partiram ao todo 38 pessoas, esse primeiro grupo veio com o objetivo de realizar o trabalho de preparação das terras para a vinda do restante do grupo. Após conseguirem a terra que procuravam e depois de dias de limpeza, começaram então a plantar as sementes e mudas que trouxeram consigo, abriram roças e logo tudo estava ajeitado e finalmente a aldeia Kali'na estava prosperando no Brasil, batizaram a aldeia de São José assim como da aldeia que haviam deixado em Maná, o padroeiro desse povo. Após a aldeia estar bem instalada, alguns retornaram para buscar seus familiares que ficaram esperando em *Coachi*, Maná. Vieram muitos Kali'na naquela época e logo aldeia Galibi aqui no Brasil estava cheia de Kali'na.

Passaram então a viver segundo seus costumes, exploraram a região onde encontraram matéria prima para a fabricação de seus potes de cerâmica, árvores para a fabricação de canoas, cipós, palhas e talas para a confecção de cestos, casas, peneiras, tipitis e outros, e também lugares bons para a abertura de roças. Assim também encontraram lugares, plantas, ervas e outras coisas necessárias para os rituais do pajé, que naquele período era bastante ativo e logo ficou muito conhecido na região, ainda

lembrado hoje em dia com muito respeito principalmente entre os criolos, saramacas e índios mais antigos dessa região.

Na Guiana Francesa, o indivíduo indígena é reconhecido como tal, mas é visto como um ser que deve deixar a condição indígena como forma de evolução e assimilação do conhecimento da sociedade envolvente, assim sendo é contemplado como cidadão Francês. O índio é tido como um ser em evolução, mas para ser considerado como evoluído deve deixar de se considerar indígena, isso na visão do colonizador que impõe sua cultura e considera as demais culturas inferiores. Contudo, ser índio não é apenas se afirmar como tal, envolve todo um universo cultural, algo que não se pode simplesmente deixar de ser ou ter, algo que não se tira do ser humano, mesmo que se negue.

Em pouco tempo, os Kali'na que passaram a viver no Brasil estabeleceram fortes relações de contato com os povos indígenas Karipuna, Galibi Marworno, Palikur e Wajãpi do Camopi, que habitam a região, assim como também com os moradores da cidade de Oiapoque e a colônia militar na época muito ativa e movimentada Clevelândia do Norte, onde alguns jovens, filhos dos grandes líderes Kali'na prestaram serviço militar e suas filhas prestavam serviços domésticos nas casas dos oficiais militares para que pudessem estudar.

Foram muitos os motivos que os fizeram migrar para o Brasil. Naquela época as políticas indigenistas estavam avançando com a identificação de povos indígenas e políticas públicas de assistência a esses povos, promovidas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), de forma que um dos motivos dessa migração foi a busca de reconhecimento e direitos indígenas que não tinham nas Guianas, tais como escolas para as crianças e serviço de saúde. Além disso, também fugiam de conflitos entre grupos familiares, pois naquele período o povo Kali'na era dividido em clãs, essa divisão é o que estabelecia com quem se devia casar e quem era ou seria o líder, quem era e podia ser preparado para ser pajé. Tudo tinha uma hierarquia muito bem organizada pelos clãs.

Muitos voltaram, mas a família Lod, filhos do pajé José Lod, os líderes Geraldo, Julien e Maria Lod junto com suas esposas, seu esposo e seus filhos permaneceram no Brasil, e não pensavam em voltar, pois adotaram o país como seu país natal. Permaneceram até o fim de suas vidas nessa aldeia. Com o passar do tempo e a redução do grupo, muito dos costumes, principalmente relacionados a cultura material, foram sendo esquecidos e deixaram de ser fabricados, como os potes de cerâmica, os grandes tambores e as redes de algodão (figuras 4), assim como os rituais, festas e outros. Como

veremos mais adiante, essas mudanças também afetaram o rito de passagem da mulher Kali'na, que não é praticado da mesma forma que se fazia antigamente.



Figura 4: Rede feita pelas mulheres
Fonte: arquivo familiar

Além disso, após a morte do pajé Lod, não teve mais como haver a preparação para um novo pajé e terminou a linhagem de pajés da família do senhor José Lod, sendo ainda lembrados seus feitos com os seres sobrenaturais e alguns banhos e remédios para proteção. Até mesmo a língua não é mais falada com frequência entre os mais velhos de agora, e os jovens não aprenderam a falar, muito menos as crianças de hoje. A língua *karib* ainda é falada quando os parentes das Guianas vêm visitar os parentes aqui em Oiapoque, e os *tampokô* e *nopokô* se comunicam em sua língua materna.

O senhor Geraldo Lod logo foi nomeado por seu pai como o cacique da aldeia, por ser mais fluente no português e já ter visitado o Brasil alguns anos antes da vinda definitiva do grupo. Cacicou por muitos anos sempre ativo no movimento indígena, mas dentro da aldeia jamais cacicou só, sempre acatando a opinião dos outros líderes familiares, principalmente de seu irmão Julien Lod e seu cunhado Jean Jacque, casado com sua irmã Maria Lod, e quando seu pai era vivo, sempre o consultava antes de qualquer decisão. Após a morte de seu irmão Julien Lod, Geraldo Lod passou o posto de cacique a seu filho caçula, mas este por motivos profissionais não permaneceu por muito

tempo e passou o posto a seu primo Miguel Jean Jacque, que é o atual cacique da aldeia. Geraldo Lod é lembrado e mencionado como um dos grandes líderes, esteve sempre ao lado dos grandes e antigos caciques Palikur, Karipuna e Galibi Marworno em busca de seus direitos, participou das grandes assembleias que resultaram nas grandes conquistas dos povos indígenas não só de Oiapoque, mas do Brasil⁶.

2.4 Cosmologias Galibi

O xamanismo ocupa um lugar central na cosmologia Kali'na, mesmo com a migração e com a introdução da religião Católica nas Aldeias Kali'na, a prática xamânica e os rituais continuam, pois até a década de 1970, houve pajé ativo na Aldeia Galibi entre os Kali'na, como ainda hoje existe nas aldeias Kali'na da Guiana Francesa e Suriname, embora tenha sofrido interferências da cultura envolvente.



Figura 5: Consagração religiosa Bernadete Kali'na
Fonte: arquivo familiar

Contudo, os Kali'na também são católicos praticantes. Todos os domingos na aldeia há uma missa celebrada por uma pessoa da aldeia. Quando nasce uma criança, o padre vai até lá e faz o batizado e os moradores também fazem preparação para a eucaristia e crisma, como manda as regras da Igreja Católica. Além disso, no dia de São José, dia 19 de março, é celebrado uma missa em honra ao padroeiro da Aldeia.

⁶ Com relação a migração para o Brasil do povo Galibi Kali'na, pode-se consultar também o trabalho: Processo de formação do Povo Galibi do Oiapoque: Impactos Migratórios; Kassia A. L. M. Galiby e Marcilene dos Santos Forte, Oiapoque-2018.

O xamanismo sempre foi muito forte, contavam os *tampokô* que as viagens só foram seguras por causa do pajé. Após o prefeito de Maná ter proibido o embarque no navio, os líderes Kali'na se reuniram e concordaram que sairiam por conta própria. Ao longo de um ano inteiro construíram quatro grandes canoas, mas partiram somente três, fizeram muito caxixi, beiju e armazenaram bastante frutas e peixe salgado, encheram barris de 150 litros de água potável, cordas, lenhas para cozinhar, óleo, gasolina e outros.

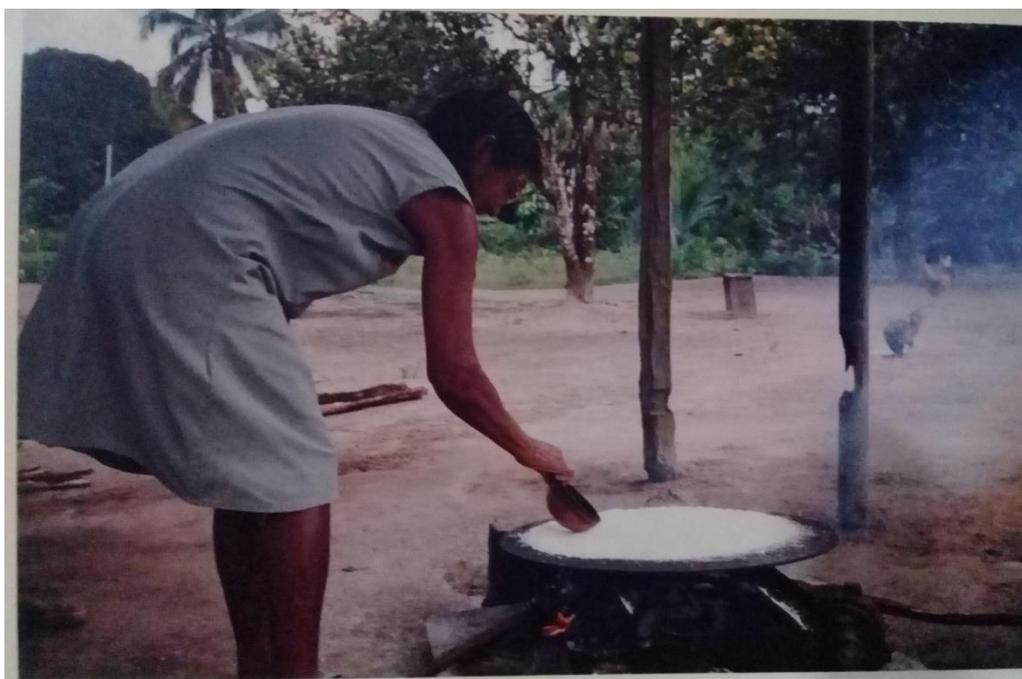


Figura 6: Vó Pipi na preparação do beiju
Fonte: arquivo familiar

Levaram todo o necessário para a viagem e para a instalação em outro lugar, como as redes, tambores para as danças e rituais, bancos de madeira, manivas para plantar, sementes de uma infinidade de frutas, verduras e legumes, assim como mudas, sementes e batatas de outra infinidade de produtos que serviam tanto para o consumo quanto para banhos ritualísticos, chás e remédios receitados pelo pajé que também veio na viagem trazendo seus *piãĩ*⁷ e conversando com os desconhecidos seres invisíveis que encontrava no caminho para que a viagem fosse sempre sossegada e segura.

Infelizmente no Brasil não houve uma sucessão de maracá, ou seja, não ficou um pajé ativo na aldeia, mas nunca esquecemos ou deixamos de praticar certos rituais, principalmente: o rito da primeira menstruação da menina, o longo luto Kali'na

⁷ São os seres sobrenaturais, as entidades que auxiliam e acompanham o pajé.

ebekoto 'no, a derrubada de uma nova roça, a pescaria e em outros momentos que se exige certo cuidado com os seres sobrenaturais.

Sempre acreditamos que tudo no mundo tem seu lugar e seus donos e que antes de tomar algo para si é preciso pedir licença e consentimento de seus donos. Tudo tem dono, mas Deus é supremo a tudo.

Os animais, as florestas, as pedras, os rios todos têm espíritos guardiões, que cuidam para que o mundo esteja em perfeito equilíbrio. Existe o bem e o mal, e é sempre preciso ter cuidado por onde anda e o que se pega.

Artionka Capiberibe lembra bem ao descrever o nosso modo de ser e viver. A questão da limpeza não só de espaço físico, mas também de todos os aspectos de nossa vida, do que somos, do nosso dia a dia, o que evita grandes preocupações e boas relações com o meio ambiente e o mundo invisível. A autora afirma:

Os Galibi [...] vivem segundo padrões bem definidos e um código de etiqueta muito elaborado, que começa pela higiene e cuidados com o corpo e a limpeza impecável da aldeia, das casas e mesmo das roças. São comportamentos que, além de seu efeito estético, evitam o contato com substâncias poluidoras ou entidades causadoras de desordem e doenças. Mesmo no preparo da comida, há uma preocupação constante em preservar a “pureza” dos alimentos. (CAPIBERIBE, 2007, p.141)

3. A MULHER KALI'NA E A MENSTRUACÃO PARA OS KALI'NA COMO RITO DE PASSAGEM

3.1 A mulher Kali'na

Não houve apenas uma grande viagem na migração dos Galibi Kali'na! Algumas mulheres, esposas dos homens kali'na que vieram na primeira viagem, não puderam acompanhar seus maridos na primeira grande viagem, pois estavam com bebês recém-nascidos ou mesmo menstruadas, então houve pelo menos mais duas grandes viagens para a Guiana, para buscar as esposas, filhos e outros parentes que ficaram.

Havia todo um cuidado especial em trazer mulheres que se encontravam nesses estados, era perigoso, pois mulheres nesses estados de sangramento são como perfumes inebriantes para os seres invisíveis. Então, é como colocar a vida delas em risco e, assim sendo, a vida da comunidade, pois uma mulher kali'na é o braço direito do marido, ela anda lado a lado com seu esposo. Diferentemente dos Mbya-Guarani, descritos por Badie

(2015), as mulheres kali'na desde jovem, e assim que casam, têm seu espaço na sociedade. Aponta a autora:

Essas mudanças de atitude acontecem quando as mulheres já finalizaram sua vida reprodutiva; somente a partir daí podem compartilhar os espaços de poder antes reservados exclusivamente ao sexo masculino. (BADIE, 2015 pag.12).

A continuação e o sucesso da sociedade kali'na está nas mãos da mulher, pois é a partir dela que a manutenção dos costumes e tradições são mantidas. É ela que tem a responsabilidade maior de passar para os filhos, desde bem pequenos, os costumes e regras que mantêm a existência dos Galibi Kali'na.

Existe todo um cuidado masculino em preservar a mulher, não por ela ser frágil, muito pelo contrário, pois os homens kali'na reconhecem a força feminina e suas capacidades. Um cuidado de não as expor a tudo que possam entender que trará perigo a elas.

Entendem que é a partir dela que a humanidade existe, o dom da vida, algo sobrenatural, divino, que em certos períodos pontuais da vida as põe em perigo. Ser mulher é uma grande responsabilidade, pois dela tem todas as expectativas de continuação, de sucesso do povo, das futuras gerações: grandes líderes, grandes guerreiros, pajés, mulheres determinadas e fortes e tudo isso depende principalmente da mulher, da mãe. A cultura, os ensinamentos, as regras, os costumes são passados no dia a dia pela mãe, principalmente no começo da formação das crianças, onde começa a ser determinado o papel de cada um. É ela quem mostra aos filhos os primeiros caminhos.

Por esses motivos temos que ser preparadas desde pequenas, para sermos fortes e quando chega o período em que menstruamos pela primeira vez passamos por um ritual, onde começamos a incorporar nossa responsabilidade dali para frente. O que fazíamos como brincadeira, agora fará parte de nossas vidas como tarefas de adultas.

Grande parte desses ensinamentos acabaram sendo interrompidos, enquanto prática, logo na segunda geração daqueles que migraram, pois, nossos pais foram criados divididos entre o mundo indígena e o mundo não indígena. Naquela época os filhos daqueles que vieram, saíram da Aldeia para poderem estudar e aprender mais do mundo não indígena, e acabaram assim se distanciando cada vez mais de seus costumes, e repassando os costumes de forma muito fragmentada para seus filhos.



Figura 7: As Pipi Matilde e Gisela

Fonte:Arquivo familiar



Figura 8: Preparo do beiju na aldeia São José
Fonte: arquivo familiar

O que chamou atenção na minha pesquisa é como alguns Kali'na que incorporaram e adotaram as regras do mundo não indígena, como a organização familiar, ainda respeitam e vivem regras indígenas Kali'na, principalmente no que diz respeito às moças e às mulheres em período menstrual, e passam esses ensinamentos para seus filhos, mesmo que esses nunca tenham estado na Aldeia ou mesmo conhecido nossos *tampokô* e *nopokô*.

3.2 A menstruação

Para os Galibi Kali'na a menstruação é algo muito importante, carregado de poderes sobrenaturais, portanto deve ser respeitada. Existem regras para a mulher menstruada que respeitaremos por toda vida menstrual. Desde o primeiro sangramento até o momento em que naturalmente deixamos de menstruar. É uma forma de respeitar o corpo e cuidar da saúde, respeitar o mundo sobrenatural onde os seres invisíveis são seduzidos pelo cheiro de sangue da menstruação.

Podemos verificar vários cuidados, prescrições e restrições, com relação ao tema na tradição Kali'na como, por exemplo: uma mulher menstruada não deve ir tomar banho no rio ou chegar perto do poço, pois esses lugares são moradas dos seres sobrenaturais. Não pode fazer ou tocar na comida do homem, pois o homem vai adoecer e ele não vai mais praticar relações sexuais normalmente, pois vai ficar enfraquecido, já que a mulher está quebrando a força dele. A mulher menstruada também não pode comer qualquer coisa ou a qualquer momento, como também não pode ir à roça, porque esse é um local visitado por seres sobrenaturais. Essas regras são para a vida toda.

Enquanto ainda jovem, a moça menstruada ou na idade de menstruar, não pode sentar-se na porta de casa ou da entrada de algum lugar, pois é local por onde sempre tem gente passando e pisando, assim ela sentirá muitas dores de cólicas. E também se a moça comer na porta ela será uma moça muito namoradeira, ficará todo tempo trocando de namorado. Antigamente, muitos maridos não dormiam com sua esposa quando esta estava menstruada, diziam que ficariam “panema”, ou seja, azarados quando fossem pescar ou caçar.

Quando acontece a primeira menstruação, a menina passa por um ritual onde é celebrado o fato dela estar se tornando mulher, é um momento de transição, onde ela não é nem criança, nem mulher. Acontece da seguinte maneira: Ela conta a um homem que ficou menstruada, quando acontece pela primeira vez. O fato de ela contar para um homem significa que ela irá ficar poucos dias sangrando, pois, homens não menstruam. Esse homem tem que ser da família, não importa a idade.

Logo depois, a mulher mais velha da família da parte do pai, avó ou tia, cuida dela. Se não houver mulheres velhas da parte do pai, então a avó ou a mãe é quem cuidará dela. Isto porque acreditava-se antigamente que o filho é sempre do pai, a mãe é como um recipiente que carrega a criança⁸.

⁸ Esta perspectiva pode estar ligada a patrilinearidade como forma de organização do parentesco entre os Kali'na, em que a descendência é contada por linha paterna. Contudo, o aprofundamento sobre o

A moça fica isolada em um quarto onde somente é permitida a entrada de algumas mulheres, essas mulheres são sempre da família, homens não podem entrar. Durante um mês ela fica neste lugar, seguindo rigorosamente alguns deveres, normalmente tecendo algodão para a rede. Ela não pode comer alguns alimentos, tais como galinha, porque faz muitos filhinhos; ovos, porque a menstruação vai ficar podre; arroz, porque os cabelos ficarão brancos muito cedo; carne de boi, porque poderá ficar com a barriga muito grande; peixe de pele ou peixe pintado, porque as marcas poderão aparecer no seu corpo; batata, porque a menstruação vai apodrecer, assim como a batata apodrece muito rápido; tucumã, porque a mulher cria um saco cheio de ovo dentro dela e quando ela se abaixar de cócoras esse saco vai sair e ela irá morrer; assim como vários outros tipos de animais e outros alimentos. A pessoa que fica responsável em cuidar da menina que está menstruada é quem lhe serve uma pequena porção de comida. Mas ela não poderá repetir. Sua comida é sempre comida seca e sem gordura. Neste período em especial, ela come bastante beiju, que as mulheres de sua família já preparam bastante, com antecedência.

parentesco e as teorias Kali'na sobre a concepção fogem o escopo deste trabalho, ficando em aberto para pesquisas futuras.

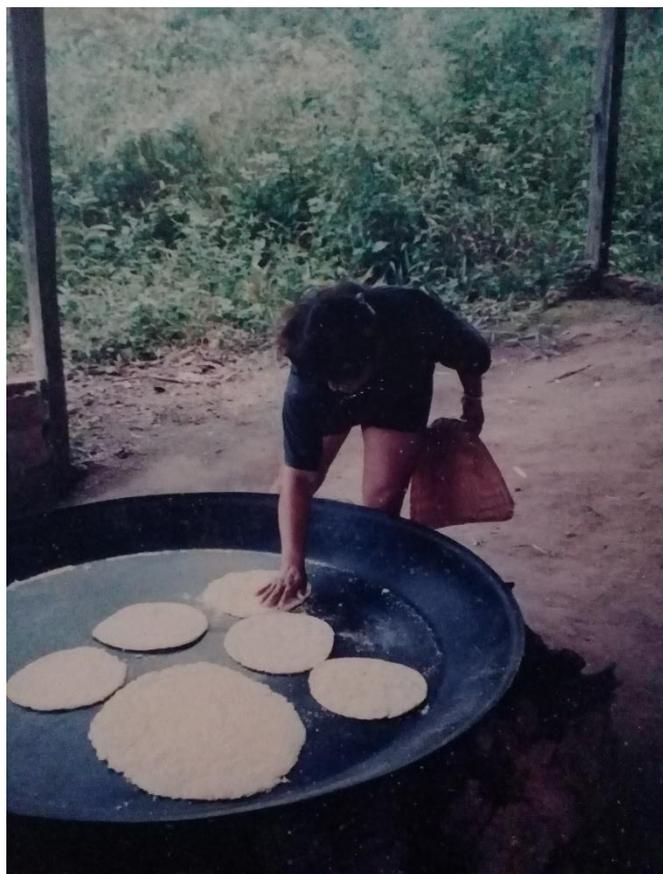


Figura 9: Preparação do beiju
Fonte: arquivo familiar

Alem disso, só poderá beber água fresca retirada no mesmo dia, não podia tomar água do pote que estava armazenada de dias anteriores, pois a água é um local de atração dos seres invisíveis. Logo, se a moça menstruada beber a água do pote corre o risco de ser possuída por um ser invisível.

A hora de dormir e de acordar deve ser rigorosamente respeitada, quando tomar banho a pessoa que a cuida é quem lhe banha, essa pessoa é quem a enxuga e a veste, logo após lhe serve um pequeno lanche. Nos pés e pulsos é passado urucum para protegê-la de seres sobrenaturais, pois o urucum é como um escudo contra os seres invisíveis.

Ao redor do local onde ela está, alguém jogará um banho feito de ervas bastante forte e poderoso que serve para encobrir o cheiro de sangue para os pajés e seres sobrenaturais. Quando a menstruação estiver no fim, ela toma banho com alguém segurando sob sua cabeça uma peneira nova feita por seu pai, avô, tio ou irmão que é

como um chuveiro. Essa peneira é usada somente uma vez para este fim e então depois ela usa esta peneira diariamente para guardar o algodão que ela vai tecer durante esse resguardo. Esse banho é para evitar corrimento durante toda a vida adulta.

Se ela sonhou, deve contar tudo a sua cuidadora, sem lhe esconder nada, da mesma forma se ela sentir alguma coisa.

Algum tempo antes da menina menstruar, assim que sua mãe perceber seu corpo mudando, já deve preparar em sua roça uma boa plantação de mandioca e batata de caxixi, pois durante o ritual se bebe muito caxixi feito pela família da moça. A família da moça e quem visita a casa da moça são sempre servidos com caxixi. Assim que o sangramento chega ao fim, as mulheres da aldeia já estão com muitos algodões preparados.

Depois que termina o sangramento, a sua cuidadora lhe avisa que vem lhe buscar no primeiro canto do galo. Ainda de madrugada ela a leva para o centro da aldeia e a deixa no meio de uma roda, onde estão somente os adultos tomando caxixi e contam piadas que todos riem, menos a moça. Se ela rir ela ficará com rosto de velha, cheio de rugas, da mesma forma se ela chorar. Enquanto contam piadas, a sua cuidadora começa a queimar em sua mão o algodão que ela preparou para este fim. Estes algodões que cada mulher da aldeia trouxe o seu, é tecido em forma redonda, bem fininho, é colocado na mão da moça pegando fogo. Ela deve ir passando de uma mão para outra até acabar de queimar todo o algodão. Isso não a machucará, pois, o algodão se consome muito rápido e não gruda na pele dela. A queima do algodão em suas mãos simboliza a queima da preguiça. E ela então será uma mulher trabalhadora.

A sua cuidadora é quem começa, depois vem à avó da parte da mãe, então a outra mulher mais velha da parte do pai, depois a outra mulher mais velha da parte da mãe e assim segue até todas as mulheres da aldeia queimar seu algodão na mão da moça. A forma de colocar fogo neste algodão é por espetos preparados cuidadosamente por seu pai, avô, tio ou irmão mais velho para este fim. Quando isso chega ao fim já é dia.

Um dia antes desse evento, o pai, avô, tio ou irmão já foi no mato buscar formigas tucandeiras e também já foi tecido um cesto onde são colocadas essas formigas. A moça, após as etapas descritas acima, é ferrada pelas formigas tucandeiras. E ela coloca as mãos bem abertas e os braços bem esticados dentro desse cesto cheio de formigas. Se ela gritar ou chorar durante as ferradas é colocado os pés dentro do cesto, dessa forma ela será toda ferrada.

Logo após, os pais que acham que os filhos merecem castigo ou estão muito preguiçosos trazem eles para serem também ferrados pelas formigas tucandeiras. Essas

crianças são tanto meninas quanto meninos. As que já passaram por isso, algumas vezes pedem para serem ferradas novamente. Esse ritual acontece para que a moça seja uma mulher quieta. Não seja uma mulher fofqueira, que vive de um lado para outro.

As mulheres da família já prepararam muito caxixi e a sua cuidadora, junto com seu pai, lhe dá uma cuia bem grande cheia de caxixi para beber. Isso é feito até a moça vomitar bastante e tem o intuito de limpá-la por dentro, tirando tudo o que não presta de sua barriga. No final do vômito, sai uma secreção lisa e grossa que os antigos dizem que se não pôr para fora vai virar alguma doença muito grave no futuro.

Durante três meses contados a partir da primeira vez que menstruou, a moça não pode conversar muito nem com qualquer pessoa, não poder rir e nem chorar muito, quando sair deve cobrir a cabeça com pano. Não pode ir a qualquer lugar e nem se sentar em qualquer lugar.

E até a sexta menstruação a moça receberá ainda cuidados e ficará reclusa durante os dias de sangramento. Antigamente, após a sexta menstruação seu pai já arranjaria seu casamento, pois ela estaria pronta para começar uma família. Antigamente os pais já deixavam esses acordos fechados para o momento em que os filhos estivessem prontos para se juntarem.

Após o contato com os *palanã güili*⁹ esses costumes foram mudando, os casamentos foram acontecendo mais tarde, quando a moça e o rapaz completavam seus 18 ou 20 anos.

No Brasil, os filhos dos protagonistas da migração não puderam viver todo o ritual, com o casamento arranjado pelos pais, pois os parentes que ficaram não eram adequados para casarem: eram primos muito próximos e isso era um risco para os filhos. Então casaram com não índios, outras acabaram não casando e não tendo filhos e ainda houve casamento com índios de outras etnias. Assim acabaram saindo da aldeia com os esposos e esposas para estudarem e trabalharem, e acabaram criando os filhos divididos entre os costumes Kali'na e os costumes de seus companheiros.

4. Considerações provisórias

A migração trouxe muito do que procuravam, mas a um custo muito caro. Com o retorno de muitos parentes para a Guiana, acabou não havendo casamentos tradicionais,

⁹ Termo usado em Kali'na para chamar os não índios

os filhos saíram para estudar e a maioria acabou casando com não índios ou com índios de outras etnias. Isso prejudicou muitos pontos do ensinamento tradicional Kali'na, além da escola que ensinava apenas a cultura dos *palanã güili*.

A migração trouxe grande mudança, ou melhor, grande impacto para a cultura, desde a língua - a forma mais expressiva da cultura - a itens culturais e menos expressivos e notados de nossos costumes. Dia após dia os costumes tradicionais, destaco especialmente os que se referem à cultura material, como os potes de cerâmicas, as redes de algodão, os grandes tambores e também alguns aspectos que organizavam a vida kali'na, como as festas e os rituais de pajé, foram deixando de serem fabricadas, praticados, sendo apenas contados e saudosamente lembrados.

Vejo a migração como algo positivo, para a autoafirmação indígena, mas não a culpo pelas perdas culturais que temos. Considero que essas perdas estão relacionadas com a forma de pensar de grandes líderes que valorizaram mais os modos da sociedade *palanã güili* do que seus próprios costumes tradicionais. Não foi de uma forma proposital, mas por medo de que poderiam sofrer repressões por parte de não índios, como já havia acontecido no passado. Saíram para se preservarem e não souberam se resguardar, transmitindo de forma eficaz os costumes tradicionais, nos fazendo perder grandes aspectos culturais de nossa história.

Com isso a vida foi ficando diferente, se adaptando com o novo modo de equilibrar o mundo indígena e o mundo novo que agora também estávamos inseridos. Vejo que isso não foi particularidade do Galibi Kali'na, Marilyn Badie no texto "Rituais de iniciação e relações com a natureza entre os Mbya-Guarani" (2015) descreve muito bem os rituais femininos e masculinos desse povo e vejo muita similaridade com o rito de passagem feminino kali'na. Mas também com a forma como a cultura vem sendo modificada com o contato com os não indígenas. O que diferencia esses dois povos é o papel da mulher dentro da sociedade, o termo de submissão é entendido de maneiras totalmente diferentes. Apesar de ainda haver muito respeito com as tradições, assim como os Kali'na.

Diante de todos esses processos que molda a mulher Kali'na, vejo lições de vida onde aprendemos a nos colocar ou nos achar no mundo, sabemos que tudo tem seu lugar e nosso dever é respeitar.

*"Tudo tem dono, a gente tem que respeitar"*¹⁰

¹⁰ Fala de tuxi (avô) Julien Lod.

A mulher tem deveres, tem também um poder, algo sobrenatural que provoca os seres invisíveis e que também pode gerar vidas. Diante disso, o rito de passagem traz toda a noção de responsabilidade para a mulher e a fortalece, transformando-a em uma base sólida, pois é ela quem carrega a maior responsabilidade de todas, a de transformar o trabalho não só do homem como de todos em frutos, para o conforto e manutenção da família, do casal e da comunidade.

Devemos lembrar que temos que escolher o que é melhor e não apenas evitar o errado, é uma lição de saber como se comportar em cada situação, de saber que nem sempre podemos tudo. A moça passa por todos esses processos, não porque é melhor ou pior que o homem, mas porque é a partir dela que começa a educação dos filhos, ela é o ponto de partida.

Passar por esses rituais é respeitar as regras, é aprender o que é certo e o que é errado, o que devemos fazer e muitas coisas que devemos evitar, é impossível criar regras fixas para todas as situações que podem ocorrer em nossas vidas e nem sempre fazemos o que é certo ou errado, mas é a forma que nós indígenas temos de ver o mundo, de nos manter nele e manter ele.

Quero lembrar aqui que o ritual não é o momento de evidência da cultura, é um momento de transição, a cultura é encontrada no dia a dia, a perda da língua ou o fato de não fabricarmos artefatos ou mesmo deixarmos de praticar nossos rituais não significa que deixamos de ser índios Galibi Kali'na.

A vinda para o Brasil significou muito mais que uma mudança de espaço, trouxe uma reelaboração de identidade.

REFERÊNCIAS

FONTES ORAIS

Registros de Família

Conversas mantidas por anos com: Julien Lod, Matilde Lod, Geraldo Lod, Maria Lod, Cristina Lod, Ana Lod, Joana Lod, Margareth Jean Jacque.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADIE, Marilyn Cebolla. Rituais de iniciação e relações com a natureza entre os Mbya-Guarani. *Mana* [online]. 2015, vol.21, n.1, pp.07-34. ISSN 0104-9313. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n1p007>.

CAPIBERIBE, Artionka. Batismo de fogo: Os Palikur e o Cristianismo. São Paulo: São Paulo: Annablume, Fapesp, Nuti, 2007.

VIDAL, LUX. Galibi do Oiapoque: história do contato e aspectos contemporâneos. Verbetes Galibi do Oiapoque para a Enciclopédia dos Povos Indígenas do Instituto Socioambiental, 2000. Disponível em: <https://www.institutoiepe.org.br/media/artigos/doc14.pdf>

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

MCCALLUM, Cecília. "Aquisição de gênero e habilidades produtivas: o caso Kaxinawá". *Revista de Estudos Feministas*, v. 7, n. 1-2, p. 157-175, 1999.

SILVA, Giovani José. História e Antropologia nas fronteiras do extremo norte do Brasil: O Patrimônio Cultural dos Wajãpi e uma Reflexão sobre as Artes Indígenas¹. *ANTÍTESES*, v 7, n. 14, p.282-300, jul-dez. 2014.

SILVA, Jose; FRANCESCHINI, Dulce; CARNEIRO, Denize. Revitalização Linguística e Cultural Sareré-Mawé. *Anais do SILEL*. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

TURNER, Victor. *O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura*. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 1974.